

Coim
Cat. XXV
Ca. B
N.º

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS HISTÓRICOS DR. ANTÓNIO DE VASCONCELOS

Revista Portuguesa de História

TOMO I



COIMBRA / 1940

O Cid português : Geraldo Sempavor

(NOVAS FONTES ÁRABES SOBRE
OS SEUS FEITOS E MORTE)

No meu estudo *Os Árabes ñas obras de Herculano* dei — em 1911—um capítulo que pôs Geraldo Sempavor em grande relêvo histórico. Um historiador árabe, Ibne Sáhibe Açalá, do fim do século xn, muito bem informado das cousas do ocidente da nossa Península, deixou dos feitos de Geraldo uma narrativa tão pormenorizada que a personagem aparece à luz da história em competição com o seu soberano. A êle se atribuem mesmo feitos que os documentos cristãos próximos do tempo querem que tenham sido praticados pelo rei (4).

Em verdade a *Chronica Gothorum* só diz que tomou Évora e o *Chronicon Lamecense*, como o *Chronicon Conimbricense*, dizem que tomou Badajoz (2). Ora os documentos árabes, conformes nisso com certa crónica latina, dão dêle notícia mais particularizada, como se vai ver. Por não ter conhecido essas fontes ou tê-las conhecido inexactamente, Herculano não deu à personagem o relêvo que merecia. Fortunato de Almeida na sua *História de Portugal* já aproveitou essas fontes publicadas por mim.

Segundo Ibne Sáhibe Açalá, Geraldo tomou no nosso Alentejo e na Estremadura espanhola actuais os seguintes logares aos Mouros: Trujillo, Évora, Cáceres, Montánchez, Serpa, Juromenha e por fim Badajoz (entre n65 e 1168); e como a guarnição desta cidade continuasse a resistir na alcáçova, êle chamou em seu auxílio Afonso Henriques, que, na verdade, acorreu logo para

(1) Herculano, *História de Portugal*, 11, p. 81-2, 7.^a ed.

(2) Textos latinos no apêndice 1.

lhe dar mão forte (i 169). Mas Fernando 11, rei de Leão, pretextando que Badajoz era da sua conquista, foi cercar na cidade o nosso rei que fugiu e na fuga quebrou uma perna — facto bem conhecido (3).

O modo como Geraldo tomava os castelos foi por Herculano (4) atribuído ao soberano, porque o passo a isso relativo foi traduzido por Gayangos que nele omitiu o nome de Geraldo e fez de Afonso Henriques o conquistador de todos aqueles logares. De facto, não ficava bem ao soberano expor-se dêste modo ao perigo. A minha tradução desse passo diz assim:

«O pensamento constante de (Geraldo) era tomar por surpresa as cidades e os castelos só com a sua gente : êle tinha os Muçulmanos da fronteira sob o terror (das suas armas). (Procedia assim): avançava sem ser apercebido na noite chuvosa, escura, tenebrosa e, (insensível) ao vento e à neve, ia contra as cidades (inimigas). Para isso levava escadas de madeira de grande comprimento, de modo que com elas subisse acima das muralhas da cidade que êle procurava surpreender ; e, quando a vigia muçulmana dormia, encostava as escadas à muralha e era o primeiro a subir ao castelo e, empolgando a vigia, dizia-lhe: «Grita, como tens por costume de noite, que não há novidade». E então os seus homens de armas subiam acima dos muros da cidade, davam na sua língua um grito imenso e execrando, penetravam na cidade, matavam quantos moradores encontravam, despojavam-nos e levavam todos os cativos e presas que estavam nela (5).

Um outro autor árabe, de que falarei a seguir, o *Anónimo de Madrid e Copenhague*, descreve a tomada de Beja por Geraldo de maneira muito semelhante, mas não parece ter sido êle que a tomou (6).

*

Que confiança deve merecer Ibne Sâhibe Açalá? Respondo: inteira confiança. Eu creio poder identificar êste autor. Na obra que cito acima, o *Anónimo*, diz-se que havia em Beja a família

(3) *Os Árabes nas obras de Herculano*, p. 12b e 141-2. Texto árabe no apêndice m.

(4) *História de Portugal*, ni, p. 5g, 7.^a ed.

(5) *Os Arabes nas obras de Herculano*, p. 124. Texto árabe na p. 141. Gayangos deu esse passo em *The History of the Mohammedan Dynasties in Spain*, t. 11, p. 522.

(6) A. Huici, *Anónimo de Madrid y Copenhague*, p. 4 da tradução espanhola.

dos Ibne Sáhibe Açalá [p. 5 da tradução] e até se dá o nome completo de um membro dela, Ibne Jáfar ibne Ismael ibne Sáhibe Açalá [p. 4 da referida tradução]. Assim se explica que no frontispício do códice de Oxford se lhe chame «bejense». E também pelo *Anónimo* que se conhece o nome completo do escritor. Ocorre, de facto, aí duas vezes: Abu Meruane ibne Sáhibe Açalá, p. 12 e i3 da tradução, — mas Ibne Sáhibe Açalá, p. 37 e só Abu Meruane, p. 33. Êle devia, pois, estar informado do que se passava nesta época no nosso ocidente. E não só por isso. Êle afirma que Abu Mohâmede Cidrá ibne Uazir lhe contou o feito de Badajoz. Ora esta personagem andou envolvida nas rebeliões do meado do século xn nesta parte do futuro Portugal. Assim foi senhor de Évora, Beja e Badajoz ao tempo da revolta de Ibne Caci. Seu filho, Abu Beere, foi governador de Alcácer do Sal e seu neto, Abdalá, também. Estes factos estão atestados por documentos árabes que traduzi nos meus *Árabes nas obras de Herculano*, p. 103, 104, 106 e 107, onde se fala deste caudilho. Acresce ainda que êle era parente da família Ibne Sáhibe Açalá, como se vê claramente do *Anónimo*, p. 5 da sua tradução.

Estes feitos de Geraldo vêm narrados no vol. 11 da obra de Ibne Sáhibe Açalá existente na Bodleiana de Oxford — o único conhecido da sua *História dos Almóadas* [Códice Marsh 433]. Percorri-o todo há anos à procura de novos elementos para a história dos princípios da monarquia portuguesa. Êsse volume começa em 1159, com a revolta de Ibne Mardanis em Múrcia, e por isso se não fala aí da batalha de Ourique. O vol. 1, se aparecer, dar-nos-á certamente a chave do famoso feito: digo famoso pela fantasia dos homens. Ou pelo menos dar-nos-á o nome correcto do mouro vencido, porque Ismar não é nome árabe conhecido; e, ainda que não fale da batalha, se ao menos permitir identificar aquele nome e o seu senhorio, teremos aí um elemento precioso para uma solução aproximada do feito. Por ora temos apenas a solução unilateral e portanto incompleta.

Ibne Sáhibe Açalá escreveu outra obra muito importante para êste período no ocidente da Península. Nesta sua *História dos Almóadas* êle próprio diz ser o autor da *História dos Almúridas* (7). Mas Ibne Alabar na biografia de Ibne Almúndir deu o

(7) Trecho traduzido por Dozy nas suas *Recherches*, 1, p. 376.

seu título mais completo : *História da revolta dos Almuridas* [isto é, dos partidários de Ibne Caci] (8). Foi em 1144 que Ibne Caci entrou em Mértola, já consagrado chefe religioso. O movimento que êle chefiou deve ter começado, pois, alguns anos antes. Esta obra de Ibne Sáhibe Açalá deve por isso também lançar luz nos acontecimentos do nosso ocidente à roda de 1140.

Oxalá essas obras se encontrem ainda em alguma biblioteca do mundo muçulmano; virão assim, cedo ou tarde, ao conhecimento dos eruditos. Foi assim, na verdade, que há anos o Sr. L. Massignon, Professor do Colégio de França, em Paris, encontrou na biblioteca de uma mesquita de Constantinopla a obra que Ibne Caci, de Mértola, consagrou à doutrina dos Almuridas, seus partidários.

O desastre de Badajoz em 1169 não quebrou o ânimo de Geraldo. A luta prosseguiu, na verdade, nos anos seguintes. Êle era não um aventureiro feliz, mas um fronteiro — alcaide de Afonso Henriques dizem o *Anónimo*, o *Chronicon Lamecense* e o *Conimbricense* — que com gente de Santarém e Moçárabes dos territórios reconquistados fazia guerra contínua aos Mouros de Badajoz e sua região. Talava-lhes os campos e tinha a cidade em dificuldades de abastecimento. Êste novo trecho de Ibne Sáhibe Açalá não deixa dúvidas a esse respeito e prova que êle dispunha de muita gente. «No mês de rágebe de 565 [de 21 de Março a 20 de Abril de 1170 de J. C.] foi maior o apêto em que o renegado e maldito Geraldo teve a cidade de Badajoz, fazendo-lhe guerra e privando-a de mantimentos. Em vista disso, os Almóadas de Sevilha quiseram abastecê-la de víveres, armas e vestuários. Mandaram-lhe, pois, cêrca de 5.000 bêstas carregadas dêsse socorro, com tropas de Sevilha e da sua região — isto é de Almóadas e de outras de Andaluzia — que as guardavam debaixo do comando de Abu Iáhia Zacarias ibne Ali. Chegado êste comboio e gente perto de Badajoz, o maldito Geraldo, com a sua gente, formada de Moçárabes e moradores de Santarém, saíu-lhes ao encontro e, depois de um combate que durou uma grande parte do dia, desbaratou os Muçulmanos, matou ou cativou muitos déles e tomou toda a carga que traziam. Foi isso numa

(8) Nos meus *Arabes nas obras de Herculano*, p. 107, e texto árabe publicado por Dozy nas *Notices sur quelques manuscrits arabes*, p. 204.

quinta-feira, 26 do mês de Xabane do ano de 565 [15 de Maio de 1170]. Zacarias [ibne Ali] perdeu a vida no combate» (9).

Também Afonso Henriques não estava inactivo e isso mostra que o revés de 1169 não o abatera tanto como pretendeu Herculano. Outro passo, pormenorizado, de Ibne Sáhibe Açalá prova-o bem. No fim do ano de 1170 êle tentou novamente apoderar-se de Badajoz, ajudado de Geraldo, mas mais uma vez o rei de Leão interveio a favor dos Mouros, e êle teve de desistir do seu intento; e os Mouros, como represália, foram contra o castelo de Juromenha, onde se refugiara Geraldo, e destruíram-no. As histórias de Espanha ignoram esta acção de Fernando de Leão em relação a Badajoz (10). Eis o passo a isso relativo:

«Depois [os Almóadas de Sevilha] resolveram enviar o Cide Magnífico Abu Saíde, em 566 [de 13 de Setembro de 1170 a 2 de Setembro de 1171 de J. C.], à cidade de Badajoz, para fazer reviver o nome dela após o seu ocaso e expulsar os Cristãos do seu território. De facto, êle partiu à frente dum exército de Almóadas e de gente da Andaluzia e do Algarve [isto é Ocidente]. Iam com êle, além de muitos chefes militares da Andaluzia, Abu Mohâmede Cidrá ibne Uazir e Abu Alulá ibne Gamine que bem conheciam a fronteira de Badajoz e em quem se podia depositar confiança, pela sua grande integridade. Chegou a ela sem contratempo, mas sucedeu que nesse entretanto Fernando o Baboso, filho de Afonso o rei menino, partisse com um exército para libertar Badajoz e restituí-la aos Muçulmanos, quando soube que [Afonso] Henriques uma manhã estivera quâsi a apoderar-se dela pela segunda vez com a ajuda de Geraldo; ora da primeira vez também a tomara uma manhã. Teve o Cide Magnífico conhecimento da sua partida e por fim da sua chegada com um exército ao campo chamado de Zalaca, perto de Badajoz. Para se informar das suas disposições, isto é, se vinha como amigo ou como inimigo, o Cide Magnífico mandou junto dêle uma delegação formada de Abu Mohâmede ibne Uazir, Abu Alulá ibne Gamine e vários xeques sabedores e seguros. Chegados à sua presença foram acolhidos favoravelmente e êles expuzeram-lhe o assunto a que iam. Ao que êle respondeu que o seu intento era recuperar

(9) Foi. 129 v.— 130 r. Texto árabe no apêndice iv.

(10) Ballesteros, *Historia de España*, ii, p. 274-5.

Badajoz e entregá-la ao Príncipe dos Crentes [Iúçufe]. Então êles apresentaram-lhe muitos agradecimentos e pediram-lhe que quisesse ter um encontro com o Cide Magnífico, afim de estabelecerem um acordo de paz. Aceita essa proposta el-rei Fernando veio acampar perto de Badajoz, acompanhado duma escolta de condes e homens de armas de Ciudad [Rodrigo], e nesse lugar se viu com o Cide Magnífico, estando os dois a cavalo defronte um do outro. Então Ibne Uazir e Ibne Garrune, mediante o intérprete de el-rei, disseram palavras de paz, e o acordo fez-se entre ambos no sentido desejado. Depois disso Fernando o Baboso e o seu exército tomaram o caminho do regresso e voltaram para o seu país : assim o quis Deus Todo-poderoso com a sua infinita bondade.

Dêsse lugar, onde se encontrara com o soberano cristão, o Cide Magnífico foi com as suas tropas contra o castelo de Juromenha que cercou e tomou, obrigando Geraldo, infiel e maldito, a fugir dêle ; depois do que o arrasou.

Feita a sua tarefa, que era livrar Badajoz da desgraça, partiu para Sevilha, são e salvo, e com a boa notícia [da sua vitória], em Rabi i.º do ano de 566» (12).

O *Anónimo* parece referir-se a este facto, ainda que confusamente, mas para o ano de 570— 1174-1175 de J. C. —quando diz que o rei de Leão conseguiu libertar Badajoz do poder de (Afonso) Henriques, que tomara a cidade por surpresa [na p. 7 da tradução].

No ano seguinte de 567 houve nova tentativa para abastecer Badajoz : na verdade, um comboio de 4.000 bestas carregadas de víveres e armas, escoltado por tropas de Almóadas e de gente do Algarve [Ocidente], saiu de Sevilha e conseguiu penetrar em Badajoz uma terça-feira 8 de Sáfar de 567 [11 de Outubro de 1171]. Depois uma parte dessas tropas foram contra o castelo de Lobón, situado próximo de Badajoz [entre esta cidade e Mérida]. Estavam nêle muitos Cristãos, quer Moçarabes, quer partidários de Geraldo, o maldito. Os Muçulmanos puseram cerco ao castelo, tomaram-no e cativaram a gente que estava nêle(13).

(12) De 12 de Novembro a 11 de Dezembro de 1170. Texto árabe no apêndice v.

(13) Ibne Sáhibe Açalá, foi. 160 r.

Vê-se do contexto que Geraldo não estava no castelo, mas devia ser ainda o fronteiro de Afonso Henriques, porque é só em 569 que se fala da sua partida para Sevilha a pôr-se ao serviço dos Mouros. O castelo de Lobón aparece aqui pela primeira vez e deve juntar-se à lista dos que foram citados anteriormente.

No ano de 568 os Mouros mandaram um novo comboio de abastecimentos a Badajoz, prova que Geraldo continuava a incomodar a cidade. Era êle de 3.000 bestas carregadas com trigo, cevada, azeite, sal, armas, etc. Escoltavam-no 4.000 homens de cavalo. Cumprido êsse objectivo com êxito, os Mouros foram contra Talavera e Toledo e seu têrmo, vencendo os cristãos com morte de muita gente, muitos cativos e prêsa abundante, O conde Nuno, senhor de Toledo e aio de el-rei Afonso o Moço, foi o primeiro que mandou tropas contra êles e Afonso Henriques, senhor de Coimbra, também enviou para os combater as mais tropas que pôde, no mês de Dulhija do ano de 568 [de i3 de Julho a 12 de Agosto de 1173 de J. C]. Quanto a Geraldo, o maldito, o infiel, não se moveu para fora das suas fronteiras, durante essa incursão dos Muçulmanos ⁽¹⁴⁾.

Porque não foi Geraldo favorecer os Cristãos, como fizera o seu soberano? E o que ignoramos. As relações entre o vassalo e o rei deviam ser frias. Vê-se dêste facto, mas sobretudo do que no ano seguinte de 569 sucedeu e se anuncia no fim da obra, onde diz: «Fim do vol. 11 dêste livro de história... Segue-se o vol. ui no ano de 56g — de 11 de Agosto de 1173 a 3i de Julho de 1174 de J. C.—[que principia] com a notícia da chegada do renegado e infiel» [Geraldo a Sevilha] ⁽¹⁵⁾. Confunde-se esta redacção com o comêço da narrativa do *Anónimo*, que damos adiante.

Dois anos depois de o meu estudo ver a luz, em 1913, pois, o professor da Universidade de Bordéus, Sr. Georges Cirot, publicou uma crónica latina com o título *Chronique latine des rois de Castille jusqu'en 1236*, a quai confirma inteiramente êste autor árabe e indica mais lugares fortes que Geraldo tomou em Espa-

⁽¹⁴⁾ Ibne Sáhibe Açalá, fol. ig3 v. e 194 r. e v. A referencia a Geraldo está na fol. 194 v.

⁽¹⁵⁾ Ibne Sáhibe Açalá, fol. 194 v.

nha: não só Montánchez e Trujillo, mas também Santa-Cruz e Monfra, todos na província de Cáceres. Diz-se aí ainda que depois do desastre de Badajoz, em que Afonso Henriques ficou prisioneiro dos Leoneses, Geraldo foi aprisionado também e entregue a Fernando Rodrigues, de Castela, que lhe deu a liberdade a troco dos castelos que tinha tomado aos Mouros, isto é os castelos referidos acima. Depois, sem forças e abandonado, Geraldo passou-se para os Mouros, a quem fizera tantos danos, e por uma questão que com eles teve lhe foi cortada a cabeça ⁽¹⁶⁾. Em comunicação feita na Academia das Ciências em fim de Dezembro de 1913, dei conhecimento desta fonte latina ⁽¹⁷⁾.

No fim de 1917 fiz nova comunicação à Academia a respeito do mesmo caudilho cristão, mas dela não ficou vestígio nas actas das sessões da classe, por se ter perdido sem dúvida a nota que então dei, mas a que se fez referência na acta da sessão pública de 20 de Abril de 1921, p. 24. Disse eu aí que uma crónica árabe anónima, conhecida pelo nome de *Anónimo de Madrid e Copenhague* entre os arabistas—cujo texto árabe e tradução espanhola deu A. Huici, Valencia, 1917 —, confirmava e esclarecia as afirmações novas da crónica latina de que eu dera notícia 11a anterior comunicação.

De facto assim é. Eis a minha tradução: «No ano de 569 [de ii de Agosto de 1173 a 1 de Agosto de 1174 de J. C.], chegou [a Sevilha] o renegado, o infiel [o nome d'ele está ilegível no original, mas bem se vê que é] Geraldo que tomou por surprêsa a cidade de Beja e outros castelos e cidades, assim como devastou as terras cultivadas e habitadas. Era alcaide de Ibne Arrinc [isto é, (Afonso) Henriques] e capitão dos seus soldados. Chegaram êle e os seus companheiros à capital do Califa [que era Iúçufe] para, submissos e obedientes, se porem ao serviço dêste e provar-lhe que êle renegava dos Cristãos seus irmãos. Foi o caso muito falado e o Califa acolheu-o bem, mandando que lhe dessem tudo o que precisasse e o honrassem. Ibne Arrinc, senhor de Coimbra, quando disto foi sabedor, teve dêle muito pesar e escreveu-lhe secretamente para que voltasse, usando de

⁽¹⁶⁾ *Chronique latine*, p. 36-38. Não soubemos identificar Monfra.

⁽¹⁷⁾ *Boletim da segunda classe*, p. 17-18. Texto latino no apêndice 11.

astucia. Soube-se isto depois de algum tempo e Geraldo logo foi prêso e permitiu Deus que ele e os seus companheiros pudessem ser postos em lugar seguro. O caso divulgou-se e todos foram mandados, bem guardados, para Segelmeça [hoje Tafilete], para impedir que fugissem. Aqui estiveram em prisão durante certo tempo. Pensou êle, todavia, em fugir da prisão e embarcar em algum porto, mas descobriu-se o seu projecto e foi posto à morte, cortando-se-lhe a cabeça para acabar com os seus manejos» (18);

O Anónimo é uma história do ocidente do Norte de África e da nossa Península de 1170 até 1203. O códice é muito incorrecto e por vezes lacunar, mas cheio de pormenores relativos ao nosso Ocidente. A-pesar de nas duas cópias conhecidas logo de princípio ser atribuído a Ibne Baçame, que foi natural de Santarém, mas escreveu no século xn, não se pôde ainda identificar o nome do seu verdadeiro autor. Estou em crer que era natural do nosso Ocidente, talvez de Beja, porque a narrativa da sua tomada pelos Portugueses é aí referida com muita minúcia [p. 3-6 da tradução] de nomes dos protagonistas do drama. Registe-se ainda que a narrativa da expedição do imperador de Marrocos em 1184 contra Santarém é igualmente muito notável e foi aproveitada por Dozy nas suas *Recherches sur l'histoire et la littérature de l'Espagne*, 11, p. 451-461. Seria, pois, de alguém que desta parte da Península tinha conhecimento especial.

Como se viu, a crónica latina e esta crónica árabe estão de acordo que foi trágico o fim de Geraldo; e assim duas fontes históricas tão distantes só podem testemunhar a verdade do facto. A lenda diz que para se congregar com o seu soberano, com quem estava desavindo, êle tomara Évora. Estas fontes permitem afirmar que a desavença se deu depois e não antes dessa conquista. Os acontecimentos de Badajoz em 1169 devem ter afectado profundamente Afonso Henriques, mas não foi então que Geraldo traiu o seu soberano e a sua gente, como se acaba de ver.

A grei portuguesa não lhe deve ter perdoado a sua traição. Porque é assim que eu interpreto que os monumentos cristãos do nosso Ocidente tenham dado, como vimos, tão pouco relevo ao papel guerreiro de Geraldo, e até tenham atribuído ao rei feitos

(18) No texto árabe p. 9-10, na tradução espanhola p. 6-7. Texto árabe no apêndice vi.

que só êle praticara. Duarte Galvão na crónica dêste rei nem cita o seu nome.

Há uma outra versão árabe do seu fim trágico, à qual nunca me referi, porque só foi conhecida há poucos anos. Em 1928, o Prof. Lévi-Provençal publicou uma série de textos árabes inéditos encontrados por êle no Escurial e a que deu o título *Documents inédits d'histoire almohade*. Entre eles acha-se um códice — infelizmente acéfalo — de Albaidac que, em forma de memórias do autor, é a história viva do seu tempo, isto é da nova dinastia dos Almóadas a cuja implantação e a cujos primeiros triunfos assistiu. E, pois, um contemporâneo dos factos que narra e em que tomou parte por vezes. O seu depoimento é por isso precioso. Ora nêle encontra-se um relato da ida de Geraldo para Marrocos em condições muito favoráveis para êle e para os seus partidários que o acompanharam.

Diz assim essa notícia [p. 216 da tradução francesa e p. 127 do texto árabe] : «Depois o Príncipe dos Crentes [Iúçufe, que estava em Sevilha] partiu para a cidade de Marrocos e levou com êle o cristão chamado Guerando — os outros autores árabes chamam Gerando a Geraldo — que mandou residir para o Suz [cuja capital é Tarudante e onde está Agadir] com o seu senhorio. Foi daí que êle escreveu para Lisboa a Ibne Arrinc para lhe dizer as condições favoráveis em que se achava ali, junto do mar, e acrescentava: «Se te parecer, manda navios armados para te apossares dêste país, porque podes contar comigo». Mas o portador desta missiva foi prêso e o Príncipe dos Crentes mandou a Guerando que viesse falar-lhe à cidade de Marrocos. Assim foi. Ao mesmo tempo o Califa dava a seguinte ordem ao governador do Drá [país a leste do Suz], chamado Muça ibne Abde Açamade : «Quando vos enviarmos Guerando e os seus partidários, reparti êstes pelas tribus e a êle matai-o, porque nós temos carta dêle que mostra a sua traição». Depois disto, o Príncipe dos Crentes convidou Guerando a ir para o Drá, dizendo-lhe que lá estaria melhor do que no Suz. Guerando cumpriu a ordem do Califa e com êle foram 350 milicianos cristãos, seus partidários. Chegado ao Drá, Muça mandou-o matar, como lhe ordenara o Príncipe dos Crentes. Sucedeu isto em 565» (19).

(19) De 24 de Setembro de 1169 a 12 de Setembro de 1170 de J. C. Texto árabe no apêndice vu.

Como se vê, os cronistas árabes não estão de acordo relativamente à data em que Geraldo foi para Sevilha. Ibne Sáhibe Açalá e o *Anónimo* querem que tenha sido em 1173-1174 e Albaidac em 1169-1170. E aparentemente muito plausível esta última data. O desventurado sucesso de Badajoz passara na primavera de 1169, como o mostraram Herculano ⁽²⁰⁾ e Ibne Sáhibe Açalá ⁽²¹⁾. Era muito de crer que logo a seguir se desse o rompimento entre os dois. Afonso Henriques teria nesse momento exalado todo o fel da sua desdita contra Geraldo e este num movimento de cólera teria ido, com os seus fiéis companheiros de tantas empresas de guerra felizes, pôr-se ao serviço do inimigo da sua gente e da sua fé. Facto não raro nas lutas entre cristãos e mouros na Península: praticara-o o Cid Campeador. Também não deve estranhar-se que o soberano de Marrocos lhe desse o senhorio do Suz: a história do país tem vários exemplos de renegados que gozaram de grandes favores junto dos soberanos a cujo poder se acolheram.

Todavia, a verdade parece ser outra : como vimos, Ibne Sáhibe Açalá destrói esta argumentação ou pelo menos mostra que o definitivo rompimento só se deu mais tarde, no fim de 1173. Como se deu esse rompimento ? A narrativa de Ibne Sáhibe Açalá elucidar-nos-ia certamente se possuíssemos o terceiro volume da sua obra. Foi êle porventura a fonte de que se serviu o *Anónimo* para êsse facto, porque ambos começam a sua narração com as mesmas expressões.

O *Anónimo* e Albaidac querem que, depois do acto feio de Geraldo, o soberano e o vassalo tenham tentado reconciliar-se. E muito verosímil, passada a crise aguda. Foi o soberano que tomou essa iniciativa, como afirma o *Anónimo*? Não repugna que assim fosse, porque dele deve ter partido a manifestação de desgosto. Foi, pelo contrário, do vassalo, como diz Albaidac, que ela partiu ? O remorso do seu acto podia realmente levá-lo a essa atitude de arrependimento; mas o que não é crível é que Afonso Henriques pudesse estabelecer domínio em país tão longínquo, como era o Suz, e por isso a proposta não deve ter sido feita.

⁽²⁰⁾ *História de Portugal*, m, p. 194-5.

⁽²¹⁾ Nos meus *Arabes nas obras de Herculano*, p. 125.

Estas novas fontes árabes lançam alguma luz sobre o período obscuro da historia portuguesa de 1169 a 1173. Ibne Sáhibe Açalá mostra claramente que, depois do desastre de Badajoz de 1169, D. Afonso Henriques não perdera a esperança de render aquela cidade; e tê-lo-ia talvez conseguido se Fernando 11 de Leão não tivesse vindo pela segunda vez dar mão forte aos Mouros. Dele se vê que Geraldo durante êsses anos teve a cidade em grande apêrto e tornava difíceis as suas comunicações com o resto do país muçulmano; que o seu poder era tanto que pode, só com a sua gente, desmanchar um numeroso comboio de mantimentos fortemente escoltado ; que a gente do seu comando era formada de Moçárabes dos territórios libertados e de Portugueses de Santarém, mas certamente de outras partes de Portugal, visto que êle era o alcaide de Afonso Henriques naquela fronteira; que em 1173 o soberano e o vassalo se desavieram e êste foi oferecer os seus serviços ao inimigo da véspera ; que o homem destemido e audacioso — Sempavor, como o Cid Campeador, — que êle era, mas sem dúvida colérico e despeitado, quebrou a sua fé e veio a acabar a vida de tanto relêvo que até aí tivera longe da Pátria às mãos de algozes de outra raça e fé.

Assim fizera o Cid Campeador : desgostoso do seu rei, Afonso vi de Castela, pôs-se ao serviço do rei muçulmano de Saragoça e como vassalo dêle praticou grandes feitos que lhe valeram o nome de «Cid»—isto é «(meu) senhor» — dado pelos Muçulmanos. Ambos perjuraram. Todavia, êsse perjúrio tem atenuantes : os adversários eram movidos mais por sentimentos políticos de predomínio do que por fortes sentimentos religiosos, porque a vizinhança secular de uns e outros devia amortecer a oposição dêstes. Tanto assim que, em todos os reinos cristãos da Península, os vencidos guardavam a sua religião e certas liberdades.

APÊNDICES

DOCUMENTOS PRINCIPAIS CITADOS NO TEXTO

I

Chronica Gothorum: «Era MCCIV. ciuitas Elbora capta et depredata, et noctu ingressa a Giraldo cognominato sine pauore, et latronibus sociis eius, et traditit eam Regi D. Alfonso...»

Chronicon Lamecense: «Geraldus alcayde intrauit badalloucium vi nonas maii. Era M.^a CC.^a vn.^a».

Chronicon Conimbricense : «In era M.^a CC.^a vn.^a». quinto nonas maii intrauit alcayde Giraldus badalouzi».

(Portugaliæ Monumenta Historica,
Scriptores, p. 15-16, 20 e 2).

II

«Tunc et captus fuit giraldus qui dicebatur sine pavore et traditus in manus roderici fernandi castellani, cui pro liberatione sua dedit idem giraldus montanges. Trujellum. Sancta Crux, monfra que idem giraldus acquisierat a sarracenis. Depaupertatus autem et destitutus omni auxilio transtulit se ad sarracenos quibus multa dampna intulerat a quibus nacta qdam occasiuncula in partibus marroquitanis. capite truncatus est.»

(*Chronique latine des rois de Castille*, p. 36-38).

III

Conquistas de Geraldo

وغدر جرانده لعنله الله اولا من غدراته مدينة ترجاله في شهر جمادى الاخرة عام ستين وخمس مائة ثم غدر مدينة يابرة في شهر ذى القعدة من عام ستين وخمس مائة ويعمرها من النصارى اهلكهم الله وغدر مدينة فاصرش في صفر من عام واحد وستين وخمس مائة وغدر ايضا حصن منتاجش في جمادى الاولى من عام واحد وستين المورخ ثم غدر حصن شيربة في غفب جمادى الاولى عام واحد وستين المورخ ايضا ثم غدر حصن جلمانية على مفربة من بطليوس وسكنه بجملته الذميمة يفاتن منه بطليوس ويوذى المسلمين فيها حتى مكن الله سيبى امير المومنين ابن امير المومنين منه على ما اذكرة بعد هذا في موضع ذكرة ثم غدر مدينة بطليوس*

(Ibne Sáhibe Açalá, nos. *Arabes nas obras de Herculano*, pp. 141-142).

IV

Geraldo ataca e desbarata um combdio de viveres
que ia abastecer Badajoz

وفي شهر رجب الجرد من هذه السنة [565] زاد ضعف مدينة بطليوس من عدم القوة فيها بالحماح العله اللعين جرانده عليها بالبتنة وفتح الداخل بالمرافق اليها فنظر لها الموحدون الذين كانوا باشبيلية في ميرة موفورة من الطعام والالاة والحلات للحمال اليها فاجتمع في ذلك نحو خمسة الالف داثة موفورة بما ذكر وتقدم عليها للتوصيل الحافظ ابو يحيى زكريا بن علي بعسكر اشبيلية وجهاتها من الموحدين والاجناد الاندلسيين فوصل بالميرة المذكورة وبالعسكر معها الى مفربة من بطليوس فخرج عليهم اللعين جرانده

بجمعة الذميم من النصارى واهل شنترين النصارى معه فتحاربوا مدة طويلة من النهار ثم انهزم المسلمون وقتلوا واسروا واذهبت الميرة وذهبت بكليتها وكان ذلك في يوم الخميس السادس والعشرين من شعبان المبارك من سنة خمس وستين المورخة واستشهد في ذلك اليوم الحافظ زكريا المذكور*

(Ibne Sáhibe Açalá, fl. 129 v-130 r).

V

Afonso Henriques e Geraldo atacam Badajoz
pela segunda vez ; os Mouros tomam e destroem Juromenha,
onde estava Geraldo

فراوا ان يتوجه السيد الاسنى ابو سعيد في سنة ست و ستين وخمس مائة اولا الى مدينة بطليوس لاجيه اسمها بعد ممانتها واخراج النصارى بالدجاج عن جهاتها فتوجه اليها بعسكر مبارك من الموحدين انجدهم الله ومن اهل الاندلس والغرب وفرهم الله ومعه من اشياخ روساء الاندلس ابو محمد سيدراى بن وزير وابو العلاء بن غزون لمعرفتها بشعر بطليوس المذكورة والشفة بهما نصيحتهما المشهورة بوصلها في ايمن طالع ووفت وبايمن حال في كل وجهة واسعد بخت وكان من الاتعاف الحسن بركة هذا الامر العزيز ان وافى وصوله خروج جرنانده الببوج بن اذبونش السليطن المذكور في هذا التاريخ بعسكر فاصدا بطليوس ليسترجع ملكها واخذها من ايدي المسلمين لما راى ابن الرنك غدوة فد قارب التغلب عليها مرة ثانية بالحاح جرانده على اصرارها وقال في نفسه انه اولى بها دباعا لغدوة وصحّ خروجه عند السيد الاسنى وانه فد وصل بعسكره والات سكنهاها بالفحص المعروف بالزلاقة على [branco: مفربة] من بطليوس بوجه اليه السيد الاسنى ابا محمد بن وزير و ابا العلاء بن

غرون وأشياخ لاجناد العفلاء الاولياء لرفايه واتلايه واستبهامه عن خروجه وهل هوبان على الصلح المربوط معه ام لا فوصلوا اليه ورحب بهم وتكلموا معه فيما وجدوا فيه فقال انما خرجت ل حمايتها وامسكها لامير المومنين بن امير المومنين ايدهم الله بشكروه وعرضوا عليه الاجتماع مع السيد الاسنى وتجديد الصلح بينهما فاجاب الى ذلك فوصل الى مفربة من بطليوس في جملته الخاصيه به من افماطه ورجال مدينة سبطاط والتقى بالسيد الاسنى هذا راكب على برسه وهذا راكب على برسه وتكلم ابن وزير وابن غرون مع ترجمانه بما يصله من الصلح بينهما حتى كمل الغرض المراد واتصل العهد والسداد وانصروا فونانده البيوج بعسكره الى بلاده وكان تيسيرا من الله تعالى وفتحاً وتيسيرا من الله تعالى ونهد السيد من موضع اجتماعه بعسكره المبارك الى حصن جلمانية ونازله وفتحه عنوة واجلى الله تعالى جرانده الكافر اللعين منه حتى اخذ بعد ذلك وهدمه وانصروا وفد اجيا بطليوس واجلى عنها كل بأس الى اشبيلية مويدا مسداذا سالما وبالبنار فادما وذلك في ربيع الاول من سنة ست وستين وخمس مائة*

(Ibne Sáhibe Açalá, fl. 131 r-132 r).

VI

Morte de Geraldo em Segelmeça

وفى سنة تسع وستين وخمس مائة كان وصول العليج الطافي غدر مدينة باجة وغدر الحصون [والمدن واقفر المعبور والمسكون] وكان قايد ابن الرنك وصاحب جيوشه فوصل اصحابه الى [بلد] اشبيلية حضرة الخليفة وتقدم [سامعا طايعا ليكن عبدا خديما ولينكم اخواته النصرى بما يكون تصديقا له عند الخليفة وتقدима] فقبل منه القول وانزله وامر له باحسان والكرامات فساء [وصول] ابن الرنك

صاحب قلمرية لعنه الله ولم يرسل له سرا في ان يتحيل في الارتداد والغدر والمكد فظهر بعد اشهر عليه ذلك فتقبض عليه هنالك ومكر الله منه اعز تمكين [وقيدا] هو واصحابه في الحديد [فبشرا] بذلك القريب والبعيد وبعثوا بجمالهم الى سجلماسة فاقاموا بها تحت سجن وترتيب وكان قريب ثم همت نفسه فيها بالفرار يجوز من احدى المراس فظهر منه ذلك فقتل وخز راسه وانكف*

(A. Huici, *El anónimo de Madrid y Copenhague*, pp. 9.10).

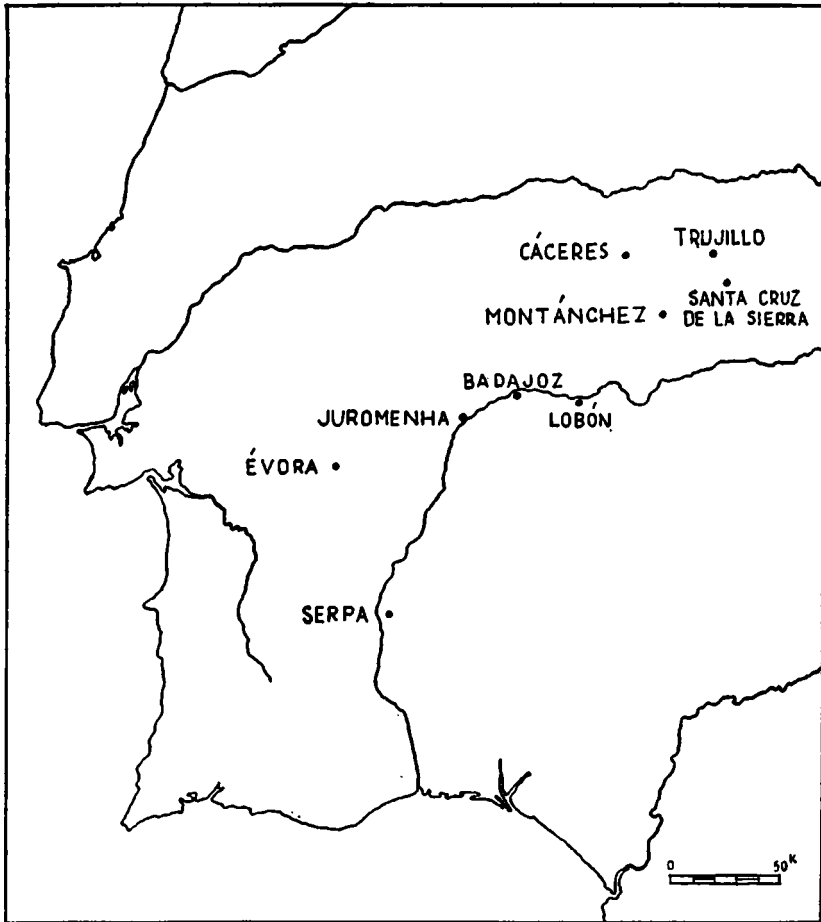
VII

Morte de Geraldo no Drá

واجاز النصران المستى بكرنذه الى مراكش ثم صرّفه واعطاه السوس فارسل الكتب من السوس الى الاشبونة الى ابن الرنك يعلمه فمكانه من السوس في ساحل البحر وقال له لعلك تعمر القطائع لتأخذني وسجد معكم فاخذ رسله بكتاب الدلس فوجه امير المومنين اليه وجاء من السوس الى مراكش فوجه الخليفة الكتب لدرة لموسى بن عبد الصمد يذكر له اذا وجهنا لكم كرنذه واصحابه فقسوهم على القبائل واقتلوه لانا اخذنا عليه كتب الدلس ثم امر امير المومنين لكرنذه بالمشى الى درعة وقال له هي احسن لك من السوس فسار مع اصحابه وكان عددهم ثلاثة مائة وخمسين من ايفرخان فلما وصلوا فعل بهم موسى ما امره امير المومنين وذلك عام خمسة وستين وخمسائة*

(Lévi-Pr.vençal, *Documents inédits de l'histoire almohade*, p. 127).

(Página deixada propositadamente em branco)



Conquistas de Geraldo Sempavor